

Brasil, 1º de abril de 2019.

COLUNISTAS CONVIDADOS | EDIÇÃO 2

| Wanda Monteiro | Fabio Fernandes | Marcos Vinícius Almeida |  
| Flávio Ricardo Vassoler |

# Política gueto

Em 2019, a **Revista Gueto** se tornou também um espaço de pensamento e reflexão com articulistas de diversas áreas, como Ciência Política, Filosofia, Comunicação e História. Nesta segunda edição convidamos Wanda Monteiro, escritora e poeta nascida às margens do Rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer, Estado do Pará; Fábio Fernandes, professor, escritor e tradutor nascido no Rio de Janeiro e que vive em São Paulo; Marcos Vinícius Almeida, escritor, jornalista, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP; e Flávio Ricardo Vassoler, escritor e professor, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, com pós-doutorado em Literatura Russa pela Northwestern University (EUA). Boa leitura.

## Editorial

### *A saída é pela esquerda*

Recentemente, o sociólogo e ensaísta espanhol César Renduelles afirmou que desde a década de 1980, na era Reagan-Thatcher, os neoliberais “desenvolveram estratégias agressivas para administrar o sofrimento psíquico, a degradação das instituições públicas, a fragilização social, a deterioração cultural e a polarização política de modo a retroalimentar o seu projeto.” O pacto de Estado de bem-estar social pós-Segunda Guerra Mundial estava então rompido. Logo, a queda do muro de Berlim e o fim do bloco comunista dariam margem para que o neoliberalismo fosse apresentado como único caminho viável. A precarização do trabalho acelerou e atingiu principalmente as classes mais baixas.

Enquanto isso, a esquerda avançava com sua pauta progressista e cosmopolita em questões culturais, afastando-se de sua base operária. Esta base, tradicionalmente conservadora nos costumes, hoje apoia o populismo de extrema direita, que em seu discurso promete devolver o emprego e ao mesmo tempo inviabilizar os avanços de direitos das minorias conquistados nas últimas décadas. É o que a vitória de Donald Trump, nos Estados Unidos, representou.

Sobre Trump, Judith Butler é precisa ao dizer que o que ele está oferecendo às pessoas é “a oportunidade de não pensar, não ter de

pensar.” Afinal, em um mundo global complexo, a tentação de acreditar em alguém que promete tudo muito simples é irresistível. No caso particular do Brasil e do governo de Jair Bolsonaro é o mesmo pensamento e um projeto semelhante. Um projeto de destruição de todas as conquistas sociais que tivemos no país, principalmente daquelas realizadas desde o fim da ditadura militar com a nova Constituição, de 1988.

Mas o avanço da atual extrema direita ao redor do mundo também é uma oportunidade para uma esquerda mais radical, nas palavras de Slavoj Žižek. E não temos muito tempo. A humanidade está muito próxima de sua pior catástrofe, porque esta será tanto geopolítica quanto ambiental. Pela via do neoliberalismo, sabemos que não é possível vida futura neste planeta para todo mundo. Logo, se continuarmos por esse caminho de cada um por si, seja o indivíduo, seja o Estado, com fronteiras muradas e políticas de bem-estar social eliminadas, direitos humanos atacados, visão cosmopolita de mundo rejeitada, democracias perdendo força e deixando de proteger e incluir minorias, seremos lançados em regimes majoritários de caráter étnico e religioso, isto é, xenófobos e fundamentalistas. E, na prática, esses regimes são, em nosso entendimento, a própria negativa da civilização.

**Rodrigo Novaes de Almeida, editor-chefe da Revista Gueto.**

## Quando a tristeza faz morada nos dias frios

Por Wanda Monteiro

Numa tarde chuvosa, ao pé da Serra, em Itacoatiara, Niterói, Rio de Janeiro

*Depois que ele partiu, um silêncio devastador tomou conta de mim, por dias, meses, anos. Então, passei a escrever cartas para ele neste dia: 1º de março. Este ano, esse silêncio voltou de forma mais devastadora ainda. Mas não posso ficar em silêncio e devo escrever para ele. Não sei como guardar os fatos e acontecimentos desses dias e estações na minha caixa de tristeza para poupá-lo de meu sentir.*

*Não como posso contar para ele que o golpe à democracia se consolida a cada dia mais e mais.*

*Não tenho coragem de dizer para ele que a Amazônia está cada vez mais desprotegida e violada — seus índios sofrendo o massacre do “progresso” — e seus mananciais estão em perigo iminente pela pretensa entrega de seus domínios.*

*Não consigo dizer ao meu pai desses dias não amanhecidos, povoados por sombras de um passado que nada soube ensinar ao presente e que assombra o futuro.*

*Como dizer a ele da falência da ética, da justiça e dos princípios gerais do Estado de direito pelo qual ele lutou, foi preso, torturado e quase morto.*

*Não. Não sei como escrever para meu pai neste dia 1º de março porque ele negava as mortes dos dias e nunca conseguiu transigir diante das injustiças sociais.*

*Atravesso o silêncio para escrever.*

Pai,

Está muito fria essa tarde — fria de saudade, de espera e muito fria da dúvida do amanhã. Estou por aqui, ao pé da serra da Tiririca, em Itacoatiara, nesse Rio de Janeiro que tu tanto amavas. Continuo te vendo nos voos dos pássaros singrando o azul do céu de Itaipu — são gaiivotas vaidosas e sedutoras, atobás senhores do vento, gaviões guardiões da serra e os nossos guerrilheiros e proletários urubus. Às vezes, vêm águias do sul com a sua empáfia estridente de quem sabe que reina nos céus, noutras, os albatrozes pegam a curva do vento da barra e resolvem dar o ar de sua graça.

Pai, tenho tanto para te falar. Mas esse tanto é um tanto de tristeza e desmotivo das coisas desse nosso Brasil que eclipsou geral. Sabe, pai, as coisas seguem o destino nefasto dos golpes sobre a democracia e sobre os ideais de justiça e liberdade. Esse poder do povo pelo povo e para o povo, já era, virou poeira na derrocada de uma luta impossível de lutar. E o mais triste e doloroso é que essa derrocada não aconteceu sob o jugo da força e da fúria dos curtumes e das fardas estreladas. Não. Não foi. Essa derrocada foi cancelada com o voto de milhares de brasileiros que o deram a quem defende ideias reacionárias e totalitárias eivadas de intolerância e truculência.

Pai, tu sempre disseste que o povo era uma abstração diante da onda predatória do capitalismo. Pois é, agora o poder é o dos que têm essa devoção pelo capital, pelo vil metal — é dos que detêm o controle do planeta. Um poder obscuro pulsando nas invisibilidades, protegido por cortinas de ferro, chumbo e pólvora, com ogivas atômicas apontadas para quem os desafiar ou contrariar. O planeta nunca esteve em perigo tão iminente. A humanidade, como tu me dizias, adoce a cada dia, mais e mais.

Aqui no Brasil, a coisa está muito doida, doida de doídice mesmo. Sabe, pai. Matam sem piedade. Matam as mulheres. Matam

nossa gente negra. Matam nossos indígenas. E agora deram para matar nossos rios. Penso que não há arcabouço teórico de ciência política capaz de sustentar argumentos e explicar esse fenômeno nefasto que assola o Brasil. Uma aberração de Estado forjada no eclipse total de suas instituições não mais democráticas que matou a nação para vender, no varejo internacional, os escombros que sobraram dela. Pai, sabe do mais trágico: há um movimento crescente e desalentador de brasileiros que renegam o Brasil e cospem sobre sua nacionalidade.

Mas pai, estamos sobrevivendo, resistindo como humanamente é possível e olha, às vezes, a gente ainda tenta levar com bom humor muito dessa maluquice toda que está o país. Rimos para não chorar e assim como tu passamos a renegar as mortes e a só afirmar as vidas. Afirmamos a vida de bem viver, bem amar e bem lutar.

Pai, deixa eu te dizer uma coisa. Aprendi contigo a compreender a linguagem dos silêncios. Foi lendo teus silêncios, nos gestos, nos teus olhos de olhar para dentro, na tua respiração, na pausa dela. Os teus silêncios me levaram aos meus. Sabe, pai, quando estou nessa tristeza de doer, lembro de ti, de teus silêncios. Assim, eu mergulho nos meus silêncios. Quando encontro meus silêncios, vêm a luz.

Hoje, é mais um dia que eu esqueço de morrer.

---

**Wanda Monteiro** é escritora e poeta, uma amazônida nascida às margens do Rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer, Estado do Pará. Reside há mais de 25 anos no Rio de Janeiro, mas só se sente em casa quando pisa no leito de seu rio. Autora do livro *A liturgia do tempo e outros silêncios* (Editora Patuá, 2019).

## Parem de falar bem das distopias

Por Fabio Fernandes

Claro que este título é uma provocação. Mas não é menos verdadeiro por isso.

Não vejo ninguém propriamente elogiando as distopias. Nem mesmo quem votou no Bolsonaro. Porque uma coisa que me incomoda na esquerda é o uso muito inadequado da palavra “empatia”. Senão, vejamos: segundo o Caldas Aulete (dicionário que ainda respeito muito, mesmo que o utilize hoje em dia somente na edição online), empatia é “experiência pela qual uma pessoa se identifica com outra, tendendo a compreender o que ela pensa e a sentir o que ela sente, ainda que nenhum dos dois o expressem de modo explícito ou objetivo.”

*Enquanto nos identificamos com as vítimas,  
há aquele outro grupo que também tem  
empatia, também se identifica — mas não  
com as vítimas, e sim com os agressores.*

Isso também vale para aqueles que acham que bandido bom é bandido morto, ou que defendem estupradores. Temos a tendência a achar que pessoas com esse pensamento são invariavelmente sociopatas, mas não parece ser esse o caso. Enquanto nos identificamos com as vítimas, há aquele outro grupo que também tem empatia, também se identifica — mas não com as vítimas, e sim com os agressores.

Isto é só para dizer o seguinte: não estamos vivendo numa distopia, como pensam os leitores de ficção científica cyberpunk. Estamos no mundo real, e ele é bem mais complexo.

Pensar no mundo, ou no Brasil, como uma distopia não só não nos ajuda em nada, como pode atrapalhar. Mas é preciso deixar claro

que, quando falo de distopias, estou falando de toda a enxurrada de livros e filmes *Young Adult* (a antiga categoria infanto-juvenil) que tem inundado o imaginário em transe dos leitores e espectadores brasileiros nos últimos anos. Na maioria dessas histórias, jovens, solitários ou em grupos pequenos, depois de sofrer muitas adversidades em cenários pós-apocalípticos futuristas, consegue derrubar o sistema e trazer uma nova era para os oprimidos.

Esse tipo de narrativa, claro, não é exclusivo desta geração. O subgênero cyberpunk vem nos legando histórias dessa natureza desde as décadas de 1980 e 1990, com filmes como *Blade Runner*, *Robocop* e *Matrix*.

O interessante é que as histórias seminais do cyberpunk são muito mais focadas nas estratégias de sobrevivência nesses ambientes *high-tech, low life* (alta tecnologia, estilo de vida pobre, por assim dizer), ou seja, na vida dos “remediados”. O mundo é o que é a todos que se virem. Não há um inimigo único a ser combatido, embora as megacorporações atuem como símbolos de um mal quase transcendente e totalmente pervasivo. Não é por outro motivo que Fredric Jameson considera o cyberpunk a literatura por excelência do capitalismo tardio. E, ironicamente, talvez por essa complexidade, e pelo excesso de neologismos e ambientes estranhos, que exigem atenção e reflexão do leitor, o grande clássico cyberpunk, *Neuromancer*, de William Gibson, seja considerado tão difícil de entender pelas gerações mais recentes.

Eu acredito que já passou da hora de se pensar o mundo como um território onde valores absolutos se digladiam. Agora, é importante deixar bem clara uma coisa: **eu não estou dizendo** que esquerda e direita são a mesma coisa, nem mesmo em suas colorações mais extremas. Lembrando da definição de Paulo Freire, a esquerda lida com a inclusão, e a direita defende a segregação e a elitização (a exclusão, portanto). Então, a esperança para um mundo e um Brasil melhor continua sendo a esquerda, com todos os problemas e contradições.

## *Lembrando da definição de Paulo Freire, a esquerda lida com a inclusão, e a direita defende a segregação e a elitização (a exclusão, portanto).*

Como iniciei o texto usando a ficção científica como chave, proponho aqui uma nova leitura da situação por intermédio de novos textos centrais. Ao invés de lermos sempre as distopias (não só as mais recentes, mas também as fundamentais, como *1984*, *Admirável Mundo Novo* e *Laranja Mecânica*), leiamos também as propostas mais alinhadas com o que Kim Stanley Robinson define como *utopia logística*: não um horizonte de eventos ao fim do qual todos serão felizes (porque muitas serão as vítimas ao longo do caminho), mas, sim, um caminho a ser percorrido solucionando-se problemas passo a passo e garantindo a felicidade possível a cada um com essas soluções. Um modelo interessante para essa utopia logística pode ser encontrado na Trilogia Marciana desse autor, composta pelos livros *Red Mars*, *Green Mars*, *Blue Mars*. Não esperem uma grande epopeia;

## Formas de capturar a dor

Por Marcos Vinícius Almeida

### I

Em grego, a palavra *signo* tem a mesma origem da palavra túmulo: *séma*. Esculpido na lápide, o nome transforma-se no rastro de uma dor que nunca vai embora. É o rastro de uma ausência que só termina quando a névoa do desaparecimento também nos alcança. O poema, túmulo de palavras, nasce como um canto fúnebre, que honra a memória dos mortos, dos ancestrais. Assim como o poema, o gesto de enterrar, forma simbólica de capturar a pura ausência da morte, nunca é um gesto individual, mas uma prática social, que incorpora crenças, afetos e as tensões estruturais de uma determinada sociedade, num determinado tempo.

### *A distância entre a vala comum do escravo e as monumentais pirâmides, sarcófagos de reis e deuses, inchados de ouro, é infinita.*

A distância entre a vala comum do escravo e as monumentais pirâmides, sarcófagos de reis e deuses, inchados de ouro, é infinita. O mundo dos mortos, também na aparente igualdade do cristianismo, tem suas hierarquias, castas, interdições e muros. A narrativa que fundamenta a maior religião do Ocidente traz no seu cerne o desaparecimento de um cadáver, uma catacumba vazia: “E acharam a pedra revolvida do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo”. (Lucas 24:2,3). São formas de organizar a morte. Ou seja, formas de organizar a vida. O Jardim das Delícias é o lugar dos santos e dos mártires. Ao homem comum, resta expiar seus pecados nos rios de fogo do Purgatório. Aos degradados, incorrigíveis, almas impuras, a danação eterna nos subterrâneos do Inferno. “A questão da ficção é, antes de tudo,” afirma Rancière, “uma questão de distribuição dos lugares”.

### II

Já na *Epopeia de Gilgámesh*, o mais antigo texto literário conhecido, anterior às obras de Homero e aos primeiros textos bíblicos, a literatura é uma busca por formas de capturar a dor. Gilgámesh, dilacerado pela morte de alguém que ama, vaga pelo mundo. O enredo de sua errância dá forma a essa dor. Enredo, mito e narrativa, partilham a mesma origem. São formas de partilhar a vida. Formas de partilhar a morte.

esses livros oferecem uma visão muito lúcida dos processos sociais e políticos enfrentados a cada etapa do caminho para se construir uma nova sociedade — inclusive levando-se em conta as forças individuais e coletivas (e corporativas) que desejam, como Lampedusa dizia em *O Leopardo*, que tudo mude para que tudo permaneça o mesmo.

Não sabemos se as coisas vão mudar por aqui tão cedo. Mas precisamos de novos mapas para estes territórios. Na área da literatura de ficção científica, Robinson é um dos nomes mais importantes, e é desse tipo de cartógrafo que estamos precisando. Para que as mudanças aconteçam de verdade, e nada permaneça o mesmo.

---

**Fábio Fernandes** nasceu em 1966, no Rio de Janeiro, e vive em São Paulo. Professor e tradutor, é autor dos livros *Interface com o Vampiro*, *Os Dias da Peste* e *L'Imitatore*. Tem contos publicados nos Estados Unidos, Inglaterra, Romênia e Itália. Ganhou duas vezes o Prêmio Argos de Literatura Fantástica (Brasil). Traduziu, entre outros livros, *Laranja Mecânica* e *Neuromancer*, além de poemas de e.e.cummings. Estudou na Clarion West Writers Workshop de Seattle, tendo como instrutores Neil Gaiman e Samuel Delany, entre outros.

A dor pode ser existencial, pode ser subjetiva. A dor íntima. Mas como não existe linguagem privada — como disse Lacan —, logo, toda forma de expressão, de captura da dor, é uma forma política, uma forma social. O campo da dor é um campo *partilhado*. As formas construídas para lidar com a dor, menos espontâneas e subjetivas do que possa parecer à primeira vista, são formas sociais. Não existe dor universal. O que existe é a dor em *comum*, ou seja, partilhada — de maneira desigual —, socialmente. Uma “partilha do sensível”, como diz Rancière. Uma partilha da dor.

Aos escravos é interdito o privilégio das catacumbas, cheias de comida e ouro, que apontam para a vida eterna. Talvez um desses reis do Nilo, mais prático e precavido, tenha determinado que seus melhores servos fossem executados, e enterrados juntos com seu amo, para garantir que o rei fosse bem servido no além. É assim que se partilha as formas de viver a morte. Ou seja, de viver a vida. São sempre formas sociais.

### III

Na Colina dos Mártires, na vala comum aberta pela Ditadura Militar, os ossos não têm nome. Em 1990, quando o cemitério clandestino de Perus foi revelado, 1.047 ossadas de opositores foram encontradas. O cadáver sem túmulo, além de vítima da tortura e do extermínio, tem interdito seu direito de morrer, o direito à memória. Na lembrança dos familiares, essa morte nunca termina. Uma dor que assombra, como um fantasma. Uma forma espectral. E nunca vai embora.

### *O cadáver sem túmulo, além de vítima da tortura e do extermínio, tem interdito seu direito de morrer, o direito à memória.*

Entre os familiares das vítimas da catástrofe de Brumandinho, Wilson Francelino, que perdeu o filho, senta-se à beira da lama tóxica, entre raízes mortas e reviradas. Uma cruz foi pregada no chão, pétalas caem do céu, uma voz canta: “cura, Senhor, onde eu não posso ir”. Wilson fuma um cigarro de palha. Quando o ritual termina, ele continua sentado, embaixo de uma árvore, contemplando a paisagem apocalíptica. Ao ser questionado, ele diz: “Estou esperando meu filho sair do barro”.

#### IV

*Estabelecimento do contexto e identificação dos eventos de risco em barramentos*, documento produzido pela Vale em 2015, cita, no item 7.1, que a “indenização por perdas de vidas humanas é o tema com maior divergência de opiniões, elevado grau de incerteza e questões éticas associadas”. Investigando “o valor de uma vida estatística”, o estudo sistemático, lógico, racional, lucrativo, afirma que os valores podem variar “dependendo do país de realização da pesquisa, aspectos culturais, classe social e até mesmo religião”. Entre planilhas, cálculos e metodologias diversas, as vidas são capturadas pelos custos.

#### V

O problema das formas, de captura da dor e de justiça da memória, não é apenas um problema estético, mas incorpora necessariamente uma ética. Uma ética das formas, que implica numa busca de uma forma justa, de captura da dor. Como narrar com justiça? Como dar legibilidade ao que parece escapar a qualquer tentativa de captura, registro e remontagem? O erro mais grosseiro, a despeito da boa intenção, está no conteúdo edificante, no verso inspiracional. Cantar a beleza, *apesar* da catástrofe (e esse *apesar* é um veneno mortífero); celebrar “a poesia do cotidiano”, enquanto o lodo tóxico soterra tudo; ver beleza nesse ar apodrecido que nos sufoca — enquanto reina o obscurantismo, e o ódio ao outro se transforma em discurso oficial —, é uma aberração. Não apenas pueril, e esteticamente frágil, mas uma aberração ética. Não há beleza na catástrofe e o cotidiano é a catástrofe.

#### VI

As formas puras são o ventre do fascismo. Talvez, o que nos reste, em busca de uma forma justa, seja uma destruição das formas sólidas e pacíficas — o romance bem amarrado, o poema edificante, o filme bonito (cujo preto branco saturado e milimetricamente enquadrado é indistinto do comercial de Citroen), o conto *estiloso* com seu narrador *carismático* e irônico. Talvez, dessa destruição, das ruínas das velhas formas, apareça uma forma justa. Uma última forma justa de capturar a dor.

#### VII

Formas de assumir posição. Não se trata mais de um problema de engajamento. Não se trata mais de produzir conteúdo politizado, que circula na instantaneidade das redes. Não se trata mais de distância irônica, quando a ironia mais virulenta assume a forma tóxica do discurso oficial. Talvez não devêssemos perder de vista a questão do que realmente seria uma forma justa. Formas de abrir os olhos para a catástrofe que nos rodeia. Formas de interrupção, suspensão, formas de registro, arquivamento, formas de libertação dos afetos. Formas de reavivar, mais do que nunca, a libertação dos gêneros e das disciplinas, a destruição das barreiras entre as artes. Novas formas de desobediência, formas inquietas, formas arredias. Encontrar, nos limites das formas, verdadeiras formas críticas.

#### VIII

Sebald, a certa altura de *Guerra aérea e literatura*, diz que, apesar da falsa transcendência, do tom por vezes fabuloso e alegórico, e das inevitáveis lucubrações filosóficas, Hans Erich Nossack é um dos poucos escritores que, ao tratar da destruição de Hamburgo pelos bombardeios aliados, conseguiu reportar os *simples dados da realidade*: “a estação do ano e o tempo, a perspectiva do observador, o ruído triturante da esquadrilha se aproximando, o clarão vermelho no horizonte, a condição física e psíquica dos que fugiram da cidade, (...) o cenário incendiado, as chaminés que estranhamente permaneceram pé”. A paisagem catastrófica de Hamburgo acarreta, segundo Sebald, um imperativo moral: “uma ampla renúncia de quaisquer exercícios estéticos”. Comparando esse relato de Nossack ao diário do dr. Hachiya, sobrevivente de Hiroshima, um relato que busca

obsessivamente a precisão concreta, Sebald cita uma observação de Elias Canetti: “Se fizesse sentido indagar”, escreve Canetti, “pela forma de literatura indispensável atualmente — indispensável aos homens capazes de saber e de observar — então essa é a forma”. Nas palavras de Sebald, a produção de “efeitos estéticos com base nas ruínas de um mundo arrasado é, ao revés, um procedimento que rouba da literatura sua legitimação”.

*A aparente frieza, numa prosa direta e objetiva, onde prevalece a descrição dos elementos concretos, onde não cabe o sentimentalismo, onde há uma recusa à estetização da destruição, seria a forma justa para reportar a catástrofe, a justa forma para capturar o sofrimento do mundo.*

A aparente frieza, numa prosa direta e objetiva, onde prevalece a descrição dos elementos concretos, onde não cabe o sentimentalismo, onde há uma recusa à estetização da destruição, seria a forma justa para reportar a catástrofe, a justa forma para capturar o sofrimento do mundo. Esse narrador, no entanto, não é um homem de gelo. É, talvez, algo próximo daquele *frio ensaísta*, no desvão entre arte e teoria, de que fala Didi-Huberman, em *Remontagens do tempo sofrido*: “O ensaísta é um homem preocupado simplesmente em compreender o sofrimento do mundo e transformá-lo, de remontá-lo em uma forma explicativa, implicativa e alternativa. Ele não constrói nenhum sistema de verdade absoluta, não fabrica nenhum *chef-d'oeuvre* [obra-prima] para a atemporalidade da arte”.

Esse frio ensaísta, que repudia os grandes sistemas, que não se descola da materialidade — num comentário de Adorno sobre Siegfried Kracauer, retomado por Didi-Huberman —, é um *homem sem pele*: “Ainda que completamente desprovido de sentimentalismo, eu o via como um esfolado vivo, um homem sem pele; como se todas as coisas exteriores viessem atacar a parte interior, não protegida de seu ser, como se sua única defesa tivesse sido permitir à sua vulnerabilidade se expressar”.

#### IX

Mas o excesso de real, os estímulos em demasia, nos deixa anestesiados. Fechamos os olhos, desviamos o olhar. Mais que simplesmente experimentar novas formas, talvez fosse o caso de encontrar formas de experimentar a dor, *novas formas de exposição*, reenquadramento, formas de libertação da dor. Susan Sontag, em *Diante da dor dos outros*, lembra que as primeiras pessoas que viram as imagens do 11 de setembro acharam que se tratava de um filme, que era tudo irreal. A televisão HD, transmitindo ao vivo, trouxe guerras distantes para dentro da sala, mas a catástrofe transforma-se, misteriosamente, em sua representação. E o que dizer do celular e das redes, que nos bombardeiam com milhares de vídeo e fotos chocantes, fora de foco, com áudio sujo, gravados ao calor da hora, no interior da catástrofe? “Como abrir os olhos?”, é que pergunta Didi-Huberman.

*Mas o excesso de real, os estímulos em demasia, nos deixa anestesiados. Fechamos os olhos, desviamos o olhar.*

Em um filme de 1969, sobre as vítimas das bombas de napalm, usadas pelo exército dos EUA contra a população do Vietnã, o artista e cineasta Harun Farocki se questiona como mostrar a dimensão do horror para seus expectadores. Depois de ler o depoimento de um sobrevivente, ele diz: “Se lhes mostramos uma imagem das feridas do napalm, vocês fecharão os olhos. Primeiro, fecharão os olhos diante das imagens. Depois, fecharão os olhos diante dos fatos. Enfim, vocês fecharão os olhos ao contexto dos fatos. (...) Podemos apenas lhes

mostrar, então, uma representação muito fraca dos efeitos do napalm.” Nesse momento, sua mão direita sai do campo de visão e volta com um cigarro aceso. Ele puxa a manga da camisa do braço esquerdo e, inesperadamente, apaga a brasa do cigarro no braço: “Um cigarro queima a 400”, diz, “o napalm queima a 3.000”.

## Lula e o elogio do próprio naufrágio

Por Flávio Ricardo Vassoler

Há pouco menos de três anos, o jornalista Mino Carta deu uma declaração que, à época, não parecia tão preocupante e premonitória quanto parece agora: “E se Lula sofrer um atentado?”. Há pouco, deparei com uma declaração similar do humanista Adolfo Esquivel, agraciado com o Nobel da Paz: “Temo pela vida de Lula”.

Há poucos meses, o mesmo Mino Carta, acompanhado do escritor Fernando Morais, esteve na Superintendência da Polícia Federal, em Curitiba, onde Lula é mantido como preso político. À saída, interpelados pela imprensa, Mino e Morais ressaltaram a indignação de Lula por estar na prisão, mas o fundador da revista *Carta Capital* fez questão de dizer que, naquela situação aviltante, “Lula ainda assim se mostra guerreiro e repleto de vida, Lula é uma verdadeira força da natureza!”.

Quando saímos de nosso horizonte histórico imediato — dada a crise nauseante e claustrofóbica, parece bem difícil espichar o pescoço como um periscópio ou uma girafa para buscar uma visão mais panorâmica —, conseguimos perguntar: quais são os líderes republicanos verdadeiramente históricos no Brasil?

Para além da erudição política, alguém se lembra, de fato e de coração, de algum presidente da reacionária República Velha? Agora, ainda que Rui Barbosa não tenha sido presidente, quem não se lembra da “Águia de Haia”?

Não fosse a Revolução de 1930 capitaneada por Getúlio Dornelles Vargas, o Brasil não teria desenvolvido sua indústria de base. Maquiavelicamente, Getúlio soube oscilar entre a encarquilhada elite provinciana e o nascente, crescente e cada vez mais pujante movimento operário, municiado por um sem-número de anarcossindicalistas fugidos da Europa. Assim, o bígamo Getúlio Vargas pôde ser o pai dos pobres e a mãe dos ricos.

Você se lembra da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)? Oscilando menos ideológica que pragmaticamente entre o apoio ao Eixo e/ou aos Aliados, o ditador estado-novista Getúlio Vargas erigiu a CSN, com capital estadunidense, em troca do apoio brasileiro às democracias ocidentais na Segunda Guerra. Ora, que progressista, em sã consciência, condenaria essa manobra de Vargas, sem a qual o Brasil jamais sairia da condição de fazenda escravocrata?

Lembre-mos, ademais, da Petrobras, da Fábrica Nacional de Motores (Feneme), da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), da burocratização/impessoalização do Estado, para o qual os servidores só passariam a trabalhar, em âmbito federal, estadual e municipal, por meio de concurso público — conquista que apenas a Constituição de 1988 consolidou, a despeito da permanência dos famigerados cargos comissionados.

Ao se suicidar — ou ao ser suicidado —, Getúlio Vargas, de fato, saiu da vida para entrar na história, como sentença a última frase de sua carta-testamento, o mais belo texto político de um brasileiro.

Em recente entrevista à revista *Veja*, o senador alagoano Renan Calheiros fez uma colocação espirituosa quando interpelado sobre a iminência de o então candidato vitorioso na última eleição, Jair ‘Ustra’ Bolsonaro, sentar na cadeira presidencial: “O sujeito até pode chegar à presidência, mas é preciso saber se a presidência chegará até o sujeito. Hoje, quem é Eurico Gaspar Dutra? Hoje, quem é Jânio Quadros? Meros quadros na parede. No entanto, quando pensamos em Getúlio Vargas e Juscelino Kubistchek, falamos de nossa história”.

---

Marcos Vinícius Almeida, escritor, jornalista, é mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUCSP e autor do volume de contos *Paisagem interior* (Editora Penalux). É curador editorial da Revista Gueto.

*O lulismo retirou o Brasil do mapa da fome das Nações Unidas; aumentou, vigorosamente, o poder de compra do salário mínimo (baliza de vida da maior parte da população do país para além do Sudeste); aprovou as cotas étnico-sociais, entre muitas outras conquistas que, se não são estruturais, chegam a representar a diferença entre cidadania mínima e indigência, vida e inanição, para milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.*

Eivado de muitas contradições, que poderíamos dizer sobre o lulismo? Analisado pelo cientista político André Singer, da FFLCH-USP, como uma correlação de forças conciliadoras para gerar e gerir reformas brandas (porém essenciais) sem aguçar conflitos de classe [uma vez que o PT, alçado ao poder pelo voto popular, não só não contava com o apoio das Forças Armadas (poder que hoje tutela nosso Estado de exceção), como fez questão de apaziguar a Casa Grande com a “Carta aos brasileiros”], o lulismo retirou o Brasil do mapa da fome das Nações Unidas; aumentou, vigorosamente, o poder de compra do salário mínimo (baliza de vida da maior parte da população do país para além do Sudeste); aprovou as cotas étnico-sociais, entre muitas outras conquistas que, se não são estruturais, chegam a representar a diferença entre cidadania mínima e indigência, vida e inanição, para milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

Por ter saído da miséria no semiárido nordestino e ter fundado um partido político de quadros e de massas com o número 13, em memória dos 13 dias de viagem a bordo do pau-de-arara que levou a família Silva de Guaranhuns, em Pernambuco, a Vicente de Carvalho, no litoral sul de São Paulo, Lula já seria um fenômeno. Mas o líder sindical chegou à presidência após três derrotas eleitorais consecutivas — para Collor, em 1989, e para FHC, em 1994 e 1998. Poucos se lembram de fato e de coração de Collor e FHC, mas ninguém, dos detratores aos fiéis, se esquece de Lula, que, ainda por cima, é conselheiro vitalício do glorioso Sport Club Corinthians Paulista, o time mais popular do Brasil.

*A foto sobrelevada de Lula, içado pela multidão, ganhou o mundo.*

Quando Lula se entregou para a Polícia Federal em São Bernardo do Campo, após discursar com o ímpeto dos velhos tempos em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos (sua manjedoura política), o ato foi bem mais histórico (e teatral) do que legalista. A foto sobrelevada de Lula, içado pela multidão, ganhou o mundo.

Em fins de 2017 — antes, portanto, da condenação agravada pelo TRF-4, de Porto Alegre —, Lula, exímio analista político, fez duas avaliações que se mostraram clamorosamente erradas: “Não acredito que o povo brasileiro leve um reacionário como Bolsonaro

para o segundo turno e, aconteça o que acontecer, Geraldo Alckmin estará no segundo turno”.

### *Lula sentenciou que buscaria a Justiça até o fim, custasse o que custasse.*

Muitos, entre os quais o ex-presidente uruguaio José Mujica, sugeriram a Lula que pedisse asilo a um país amigo. Lula sentenciou que buscaria a Justiça até o fim, custasse o que custasse.

Hoje, Jair ‘Ustra’ Bolsonaro é o presidente; Hamilton Mourão, o vice; e Sérgio Moro, o superministro da Justiça.

Mesmo sendo ágrafo, Bolsonaro declarou certa vez que seu livro de cabeceira é *Verdade sufocada*, de autoria do coronel e torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, a quem o capitão saudou, quando de seu voto pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Em recente entrevista à Globonews, o general Mourão, que já fizera menção à possibilidade de um autogolpe e à necessidade de uma assembleia constituinte formada apenas por notáveis, declarou que Ustra foi um herói nacional — e que heróis também matam.

Sobre o justiceiro Sérgio Moro, a quem a ironia de Machado de Assis (o motor de nossa história pátria) tratou de conduzir ao posto de superministro da Justiça, basta dizer que se trata do mais encarniado inimigo político de Lula — Lula, sem Moro, permanece sendo Lula; Moro, sem Lula, segue diretamente para a lata de lixo da história.

Essas três figuras temerárias são, objetivamente, as responsáveis pela guarda de Lula na Superintendência da Polícia Federal, instituição hoje cindida pelas mesmas disputas que transpassam a sociedade brasileira.

### *Em meio à sequência de arbitrariedades que vêm marcando as instituições judiciais e policiais do Brasil nos últimos anos, por que não poderíamos pensar que Lula corre sério perigo?*

Em meio à sequência de arbitrariedades que vêm marcando as instituições judiciais e policiais do Brasil nos últimos anos, por que não poderíamos pensar que Lula corre sério perigo?

Mas, para além desse risco pra lá de concreto, gostaria de terminar este texto com a seguinte especulação: e se, para além de toda a sua enorme combatividade, Lula quiser morrer?

Vejam: Marisa Leticia, sua companheira por décadas, e o irmão Vavá já se foram no bojo de todo o horror persecutório; consta que os filhos de Lula permanecem desempregados; seus bens, congelados e inacessíveis; multas sobre multas recaem sobre Lula. É como se os justiceiros golpistas, como Roma contra os cartagineses, quisessem salgar a terra por onde o lulismo se disseminou. (Perdoem-me a comparação entre a grandiosidade de Roma, que fez nascer um intelectual do porte de um Cícero, e o provincianismo da República de Curitiba, encabeçada pelo gramático Sérgio Moro.)

### *E se, para além de toda a sua enorme combatividade, Lula quiser morrer?*

Lula, há muito, já não pensa e já não se vê mais como Luiz Inácio.

Lula, como Lula, não pode deixar de lutar — já cantava a Gaviões da Fiel: “Não para, não para, não para! Não para, não para, não para! Vai, Corinthians, vai, não para de lutar! Vai, Torcida Fiel, saravá, São Jorge, ele vem nos ajudar!”.

Quem superou a miséria e a inanição; o preconceito étnico e social; a primeira prisão política, em meio à ditadura; a morte da mãe da cela do DOPS; o achincalhamento pelo sotaque, pela língua presa (crime social pela carência de acesso a fonoaudiólogos), pela aparência desgredada e pela predileção pela pinguinha no cambuci; quem deu a volta por cima depois de três derrotas eleitorais e as capitalizou politicamente, ora, não vai desistir diante de anões que usurpam o poder.

### *Quem superou a miséria e a inanição, o preconceito étnico e social, a primeira prisão política, em meio à ditadura e a morte da mãe da cela do DOPS não vai desistir diante de anões que usurpam o poder.*

Quem teve a sensibilidade micrológica (a memória dolorida da humilhação de classe que sempre lateja) de facilitar o acesso odontológico à população desdentada; quem mediu a abertura de contas bancárias para os pobres sem valores mínimos; quem pensou que jamais poderia haver quaisquer utopias se o Brasil não conseguisse erradicar, de vez, a chaga da inanição, ora, tal líder só se entrega ao cárcere, ao fim e ao cabo, para proceder à imitação (a bem dizer, à superação) de Getúlio Vargas.

É muito trágico (e infantilizador) que o povo da América Latina, em sua tradição caudilhista, à direita e à esquerda, anseie por (e dependa de) líderes carismáticos como Juan Domingo Perón e Getúlio Dornelles Vargas; Fidel Alejandro Castro Ruz e Salvador Allende; Hugo Chávez e Luiz Inácio Lula da Silva. (O que seria do tipo ideal de líder carismático, erigido pelo sociólogo alemão Max Weber, sem a América Latina?) Mas, dada essa condição historicamente objetiva — e de difícil e lenta transformação —, a Casa Grande convertida ao neogolpismo (ora, ninguém converte o diabo ao satanismo, não é mesmo?) sabe que é preciso ceifar o corpo de Luiz Inácio.

Envenenamento paulatino da comida na prisão? Suicídio à la Vladimir Herzog? Ora, mas e quanto ao martírio? Os tempos eram bem outros — a força da esquerda era bem outra —, mas a elite brasileira bem se lembra da *pax atomica* de 1954 a 1964 causada (e inflamada) pelo suicídio de Vargas — *pax atomica* que adiou o golpe militar em dez anos.

Lula sabe que, com o Estado de exceção em escalada, sua carreira política está totalmente emparedada. Não lhe permitem a fala — a condição de preso político inflamaria ainda mais sua oratória contagiante.

### *Não é difícil em termos literários (e improvável em termos históricos) imaginar que Lula entreveja para si uma morte poeticamente histórica.*

Ora, que fazer?

Lula viveu de forma radicalmente política (quem não se lembra de sua fala/discurso de despedida durante o velório de Marisa Leticia)? Não é difícil em termos literários (e improvável em termos históricos) imaginar que Lula entreveja para si uma morte poeticamente histórica.

Do contrário, por que se entregar ao covil de seus leões?

Lula, não nos esqueçamos, é católico. Um católico forjado pelo evangelismo altamente politizado (e dramático) da teologia da libertação.

Não sem uma boa dose de vaidade política (demasiado humana) ao atrair para si a atenção da elite que sempre o subestimou, Lula já se disse a figura pública mais estigmatizada deste país (falem mal, mas falem de mim) e já comparou o vermelho do PT ao sangue

de Cristo. Ora, e se Lula, personagem histórica, estiver pensando não só em seu martírio, mas na consumação/arremate de sua luta política como uma espécie de crucificação?

O fato é que já não se pode pensar na trajetória de Lula senão sob o signo da tragédia — por mais que os heróis gregos fujam de seu destino com a ilusão da autonomia, o desenlace entoadado pelo coro acaba se impondo. Se Lula tivesse o respaldo militar de Hugo Chávez e a têmpera gauchesca de Leonel Brizola, outra figura pra lá de icônica de nossa história republicana, o Brasil já teria dado vazão à luta franca de classes que nossa elite tão bem sabe sublimar com a ejaculação carnavalesco-futebolística, sem que, por um lado, reduzamos essas explosões de nossa cultura à sua instrumentalização política, mas sem que, pelo mesmo lado, deixemos de perceber sua funcionalidade aos de cima.

Nietzsche sentenciou, certa vez, que tudo o que é forte vem a fenececer.

O herói — em nosso caso, o maior líder carismático de nossa história republicana — já entreviu que o ápice de sua força se exauriu na mesma medida em que lhe foi usurpado. Nietzscheanamente, então, talvez só reste a Lula a potência de, como mártir, fazer o elogio do próprio naufrágio.

---

**Flávio Ricardo Vassoler**, escritor e professor, é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, com pós-doutorado em Literatura Russa pela Northwestern University (EUA). É autor das obras *O evangelho segundo talião* (nVersos, 2013), *Tiro de misericórdia* (nVersos, 2014) e *Dostoiévski e a dialética: Fetichismo da forma, utopia como conteúdo* (Editora Hedra, 2018). Organizou os livros *Fiódor Dostoiévski e Ingmar Bergman: O nihilismo da modernidade* (Editora Intermeios, 2012) e, ao lado de Alexandre Rosa e Ieda Lebensztayn, *Pai contra mãe e outros contos* (Editora Hedra, 2018), de Machado de Assis.